OPEN ACCESS
10.21665/2318-3888.v14n28p283

Ambivalências
revista de antropologia do ppga-ufs

Festas e cidades: ritos festivos e a diferença no espaço público contemporâneo

Metamorfoses das festas juninas urbanas: Campina Grande e Bananeiras (Paraíba, Brasil)

Josélio dos Santos Sales[1]
Universidade Estadual da Paraíba

Luciana de Oliveira Chianca[2]
Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Este artigo analisa as transformações das festas juninas no espaço urbano do Nordeste brasileiro, com foco no caso de Bananeiras (PB) e em sua relação com o modelo festivo de Campina Grande (PB). O estudo resulta de uma pesquisa de doutorado concluída em 2025, baseada em trabalho de campo de abordagem qualitativa, realizado entre 2022 e 2024. A pesquisa utilizou observação participante, conversas informais e entrevistas semiestruturadas com agentes públicos e privados. A análise demonstra que, a partir de 2006, Bananeiras adotou inicialmente o modelo do "São João Tradição", voltado à valorização da memória coletiva, do espaço público e do forró "pé de serra". Essa estratégia buscava superar restrições financeiras e estimular o turismo local. Ao longo dos anos, porém, essa configuração foi progressivamente substituída por um modelo orientado pela mercantilização e pela espetacularização. A exploração econômica da festa e a transferência do evento para espaços fechados, como estádios e parques de eventos, intensificaram formas de exclusão socioespacial por meio da segmentação dos públicos. O trabalho conclui que, embora os festejos juninos permaneçam como espaços de sociabilidade e produção de memória coletiva, também constituem campos de disputas simbólicas, políticas e econômicas nos quais o discurso da "tradição" é continuamente reelaborado e mobilizado por agentes públicos e privados para atender a diferentes interesses mercadológicos e justificar decisões políticas.

Palavras-chave

Metamorfose. Festas Juninas. Bananeiras.

1. Doutor em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (2025), mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Estadual da Paraíba (2012), Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (2018) e em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba (2008). Líder do Grupo de Pesquisa PRATO – Patrimônio, Alimentação, Turismo e suas Organizações, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

2. Professora Titular do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, é Doutora em Antropologia pela Université de Bordeaux (França). Atua no programa de pós-graduação em Antropologia da UFPB.

Metamorfosis de las fiestas de junio urbanas: Campina Grande y Bananeiras (Paraíba, Brasil)

Resumen: Este artículo analiza las transformaciones de las fiestas de junio en el espacio urbano del noreste de Brasil, centrándose en el caso de Bananeiras (PB) y su relación con el modelo festivo de Campina Grande (PB). El estudio es resultado de una investigación doctoral concluida en 2025, basada en trabajo de campo cualitativo realizado entre 2022 y 2024. La investigación empleó observación participante, conversaciones informales y entrevistas semiestructuradas con agentes públicos y privados. El análisis demuestra que, a partir de 2006, Bananeiras adoptó inicialmente el modelo "Tradicional de São João", enfocado en la valoración de la memoria colectiva, el espacio público y la música tradicional forró. Esta estrategia buscaba superar las limitaciones financieras y estimular el turismo local. Sin embargo, con el paso de los años, esta configuración fue progresivamente reemplazada por un modelo orientado a la mercantilización y la espectacularización. El traslado del evento a espacios cerrados y privatizados, como estadios y recintos subcontratados, intensificó las formas de exclusión socioespacial mediante la segmentación del público, la proliferación de palcos VIP y la explotación económica del festival. El estudio concluye que, si bien las festividades de junio siguen siendo espacios de sociabilidad y de construcción de memoria colectiva, también constituyen campos de disputas simbólicas, políticas y económicas. En este contexto, el discurso de la "tradición" es continuamente reelaborado y movilizado por agentes públicos y privados para servir a diferentes intereses de mercado.

Palabras clave: Metamorfosis. Fiestas de Junio. Bananeiras (PB).

Metamorphoses of urban June festivals: Campina Grande and Bananeiras (Paraíba, Brazil)

Abstract: This article analyzes the transformations of festas juninas (June festivals) within the urban landscape of Northeastern Brazil, focusing on the case of Bananeiras (Paraíba) and its relationship with the festival model of Campina Grande (Paraíba). The study stems from doctoral research completed in 2025, based on qualitative fieldwork conducted between 2022 and 2024. The research employed participant observation, informal conversations, and semi-structured interviews with public and private stakeholders. The analysis demonstrates that, starting in 2006, Bananeiras initially adopted the "Traditional São João" model, aimed at preserving collective memory, public space, and "pé-de-serra" forró music. This strategy sought to overcome financial constraints and boost local tourism. Over the years, however, this configuration was progressively replaced by a model driven by commodification and spectacularization. Relocating the event to enclosed, privatized venues, such as stadiums and outsourced event parks, intensified forms of socio-spatial exclusion through audience segmentation, the proliferation of VIP boxes, and the economic exploitation of the festival. The study concludes that, while "festas juninas" remain spaces for social interaction and the creation of collective memory, they also constitute arenas of symbolic, political, and economic contestation. In this context, the discourse of "tradition" is continuously reworked and mobilized by public and private actors to serve various market-driven interests.

Keywords: Metamorphosis. June Festivals. Bananeiras.

Introdução

As festas juninas constituem um dos principais referenciais da cultura popular no Nordeste brasileiro, articulando dimensões religiosas, sociais, econômicas e simbólicas fundamentais para a construção das identidades locais e regionais. Esse conjunto de celebrações, vinculado a Santo Antônio, São João e São Pedro e à religiosidade popular, é frequentemente associado ao universo rural, mas vem assumindo novos contornos com a urbanização, a espetacularização, o turismo, o comércio e a midiatização, especialmente a partir da metade do século XX, no Brasil.

Assim como as festas juninas, a produção acadêmica nacional sobre elas também passou por importantes transformações. Em um primeiro momento, predominaram os estudos de caráter folclórico, representados por autores como Cascudo (2015) e Carneiro (1982). Suas contribuições foram fundamentais para o registro e a sistematização de práticas, crenças e manifestações culturais numa perspectiva da tradição posteriormente problematizada pelas ciências sociais, revelando seus processos históricos, relações de poder (Rocha, 2009; Ortiz, 1992) e superando a descrição das práticas culturais para compreendê-las em sua inserção nos contextos sociais, políticos e econômicos.

Ao longo dos anos, e principalmente após os anos 2000, os estudos das festas juninas vêm convergindo a partir de diversas áreas além da antropologia, como a sociologia, a história, a comunicação, a geografia, a moda, a dança e o urbanismo. Entre os principais eixos de investigação contemporânea, destaca-se a análise das transições das celebrações do espaço rural para os grandes centros urbanos, processo acompanhado pela crescente mercantilização e espetacularização da festa. Conforme demonstra Chianca (1987, 1999, 2006, 2013a, 2019, 2022, 2023), mas também Bessa (2023), Ferreira (2025), Silveira (2025), Paula (2020), Santos (2018), Marques (2018), Noleto (2016), Menezes Neto (2009), Lucena Filho (2007) e Morigi (2007), essa transformação não representa o desaparecimento da tradição, mas sua reelaboração por meio da atualização de símbolos e práticas em novos contextos sociais.

Com essa preocupação, organismos internacionais dedicados à cultura e ao patrimônio cultural têm promovido reflexões, elaborando recentemente uma Nota de Orientação sobre a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial Urbano na qual se destaca que se trata "de examinar que ações são necessárias para garantir que as cidades facilitem a transmissão contínua do patrimônio vivo, tanto como elemento essencial do bem-estar social, quanto como contribuição ao direito à cidade", especialmente quando consideramos "seu papel como fator e garantia do desenvolvimento durável" (Unesco, 2025, n. p.).

As festas juninas constituem exemplos emblemáticos de processos de transformação recente do patrimônio cultural vivo, especialmente em grandes cidades do Nordeste brasileiro onde, a partir dos anos 1980, passaram a ser organizadas como megaeventos articulados às dinâmicas da mídia, do turismo e da economia do entretenimento e espetáculo, em detrimento do modelo tradicional da festa profundamente ancorado nas memórias afetivas como evento familiar, católico, comunitário e vicinal com fortes referências agrárias (Chianca, 1987, 1991, 1996).

Duas cidades representam mais emblematicamente esse processo de transformação intensificado pela criação de espaços especialmente destinados à realização da festa em suas áreas centrais a partir dos anos 1980: em Campina Grande (PB), em

1986, com o Parque do Povo (Ferreira, 2025; Marques, 2018; Andrade Lima, 2020; Chianca, 1987) e, em 1988, em Caruaru (PE), com o Arraial[3] da Gente, substituído em 1995 pelo Pátio de Eventos Luiz Gonzaga, conhecido como Pátio do Forró (Oliveira Santos, 2007).

Esses grandes espaços festivos mobilizam o conjunto das cidades através de espetáculos musicais, queima de fogos de artifício, venda de comidas e bebidas e pela referência a uma representação idealizada do universo rural pelo uso de cenografias, performances e evocações da festa junina na decoração e no ambiente (bandeirolas, balões e lanternas decorativas ou cartazes com imagens dos santos católicos juninos).

A institucionalização desses eventos insere ainda as festas juninas em um campo de disputas simbólicas e políticas no qual o poder público assume papel central nas negociações com os empreendimentos privados para sua organização e financiamento, selecionando e promovendo práticas culturais compatíveis com estratégias de promoção territorial, desenvolvimento turístico e construção de capital político.

Gilson Mendonça (2012) evidencia essa dinâmica em outras cidades nordestinas, como Mossoró, Patos e São Luís, onde a festa junina se converteu em instrumento de visibilidade pública e de afirmação política. Ele destaca que, mesmo diante de gastos vultosos destinados a esses fins, os gestores públicos recorrem à valorização do vínculo com o lugar de origem; uma estratégia que se expressa por meio de referências às coisas, aos artistas e às tradições de "nossa terra" como aconteceu em Mossoró, onde "a prefeitura procurou justificar os altos custos do evento 'Mossoró Cidade Junina', boa parte financiada com verbas públicas. Reconhecendo que o investimento é alto, instiga o sentimento do cidadão pelo amor à terra '*Quem gosta de Mossoró estimula o Cidade Jun*ina.'" (Mendonça, 2012, p. 99).

Apesar das profundas transformações conexas a formas massificadas, consumistas e impessoais de celebração (Lucena Filho, 2007), as festas juninas mantêm-se como espaços privilegiados de atualização dos vínculos sociais e da memória coletiva não apenas para os citadinos residentes nessas cidades. Para muitos nordestinos, o retorno à terra natal durante o período junino representa uma forma de "renovação da vida", possibilitando o reencontro com familiares e a rememoração dos "tempos de fartura" (Menezes *et al*., 1990), na partilha de alimentos, danças e outras práticas festivas.

A intensa migração para os grandes centros urbanos que marcou o início do século XX no Brasil contribuiu para reconfigurar os sentidos atribuídos à festa ju-

3. Os arraiais são o espaço simbólico especial "que recria, em pequena escala, o mundo rural da imaginação citadina. Por isso, o arraial deve ser despojado e simples. Geralmente, é centralizado por uma palhoça (conhecida às vezes como palhoção ou rancho), provisória e especialmente construída para a festa." (Chianca, 2006, p. 167).

nina, produzindo novas formas de pertencimento e identificação entre os citadinos oriundos de deslocamentos mais ou menos recentes. Em Natal (RN), Chianca (2006) discute como, ao longo do século XX, essas renovações ocorreram nas festividades de junho mobilizando o imaginário citadino sobre "o interior", culminando na produção de disputados concursos de quadrilhas juninas que reúnem grupos em dinâmicas disputas de estilos e propostas estéticas (Silveira, 2025; Braga, 2025; Chianca, 1996, 2007b, 2013a, 2018, 2023; Paula, 2020; Noleto, 2016; Marques, 2018; Menezes Neto, 2009).

A dimensão religiosa constitui outro elemento estruturante desse ciclo festivo, manifestando-se na articulação entre práticas do sagrado e do profano. É quando, nos limites da devoção institucionalizada, são incorporados novos ritos e formas particulares de relação com o divino (Brandão, 1980; Chianca, 1991, 1996), demonstrando como os chamados santos juninos frequentemente se afastam da ortodoxia católica e expressam formas híbridas de religiosidade e celebração (Chianca, 2007a). Outro importante instrumento de transmissão de saberes, práticas e sentimentos de pertencimento é o patrimônio alimentar, que no Nordeste é marcado pelo consumo de milho, mandioca e coco (Andrade Lima, 2020; Chianca, 1987, 2006, 2007a).

Esse rico e diversificado acervo de tradições e memórias juninas constitui uma experiência social que transforma a rotina cotidiana e institui uma espaço-temporalidade particular, deslocando o debate contemporâneo da dicotomia entre tradição e mudança para a análise dos processos de seleção e legitimação do patrimônio cultural junino, sabendo, como Foucault (1987), que a tradição estabelece vínculos com o passado ao mesmo tempo em que produz continuidades que conferem legitimidade às transformações históricas. Tais permanências produzem "tradições inventadas" que Hobsbawm (1997) define como um conjunto de práticas rituais orientadas pela repetição com o objetivo de construir vínculos simbólicos do presente com um passado.

No contexto das cidades nordestinas, as metamorfoses festivas dos espaços urbanos para as celebrações juninas seguem o fio dessas continuidades, mantendo, ressignificando e inventando novas tradições como processos que não se restringem às capitais ou aos grandes centros urbanos, como as já citadas Campina Grande (PB), Caruaru (PE) ou Natal (RN), mas ocorrem também em municípios menores, como Bananeiras, na Paraíba, onde a festa também reorganiza ruas, praças, fluxos de visitantes e formas de pertencimento, com transformações urbanas e disputas, inclusive em torno do que se reconhece como tradição (Sales, 2025), valor cultural primordial da festa junina.

1 Festas juninas comunitárias, familiares e tradicionais na cidade

De acordo com Roger Bastide (1997), antropólogo que viveu no Brasil durante a primeira metade do século XX, o carnaval caracterizava-se como uma festa eminentemente urbana, enquanto o São João lhe pareceu uma festividade familiar e brasileira "por excelência", reafirmando redes de sociabilidade e pertencimento comunitário com fortalecimento de vínculos de parentesco, amizade, vizinhança e compadrio. Sua percepção da festa é condizente com as práticas sociais daquela época. Contemporaneamente, porém, ela poderia ser balizada por outros parâmetros, entre os quais a urbanização crescente das festas juninas no Brasil.

Quase um século depois, o modelo comunitário ali descrito permanece identificado como "tradicional", constituindo uma das principais referências das festas juninas, alimentando o acervo das transformações a elas advindas no contexto urbano e definindo limites nas suas transformações.

Embora existam poucos registros sobre a festa junina na Paraíba previamente às grandes celebrações urbanas que marcam o século XX[4] (A Capital [...],1984), alguns relatos orais do final do século XIX dão conta de festas juninas celebradas em territórios urbanos ou rurais, que confirmam o relato de Roger Bastide, com forte identificação comunitária, familiar e religiosa.

Nas áreas rurais, elas eram de grande despojamento material: após as celebrações familiares e domésticas que incluíam fogueira junina e alimentação festiva no início da noite, os bailes aconteciam em áreas conhecidas como palhoças[5], junto às "salas de reboco"[6] e ao piso de barro batido[7], onde os participantes dançavam forró e quadrilhas ao som de grupos musicais nos quais a sanfona mantinha protagonismo sonoro, acompanhada de percussão.

Nas áreas urbanas, as festas juninas realizavam-se predominantemente nas residências e, após um jantar festivo, a família devota compartilhava sua festa (e os seus alimentos) com vizinhos e amigos em espaços públicos como calçadas, ruas e terrenos sem uso, onde as pessoas dançavam e celebravam (Chianca, 1996, 2013b). As praças também eram palco da festa pública, conectando as celebrações religiosas com as práticas juninas laicas, sobretudo quando o prédio da igreja estava localizado no seu entorno (Chianca, 2007a).

---

4. Em 1984, Campina Grande (PB) instaurou um novo paradigma festivo junino, realizando uma festa junina inédita, com 30 dias de duração: do 1º de junho a 2 de julho.

5. Construção rústica, isolada ou contígua à residência, com cobertura de palha, geralmente de coqueiro, sisal ou outros materiais vegetais. Em geral são efêmeras.

6. A expressão "sala de reboco" refere-se a um cômodo simples, em adobe ou taipa, característico das casas pobres do interior do Nordeste.

7. Piso de terra compactada, sem revestimento.

Para a minoria da população sócia de clubes recreativos privados, a experiência era marcada pela apresentação de grupos musicais para um público seleto movimentando-se em chão pavimentado, sob coberturas de telhas de alvenaria, e com serviços de bar, banheiros e outros confortos. Em Campina Grande, por exemplo, essas festas marcaram os anos 1950 e 1960, distinguindo socialmente as elites urbanas pelo acesso aos clubes (Chianca, 1987).

Ainda em Campina Grande, só nos anos 1970 se percebe a presença da Prefeitura Municipal na festa, primeiramente na promoção de celebrações centralizadas no centro da cidade e depois, a partir de 1979, na organização de festas em ruas importantes (como a Getúlio Vargas), e nos bairros da Liberdade, José Pinheiro, Palmeira e Centro. Com a presença de quadrilhas juninas, casamentos matutos, conjuntos musicais "regionais", comidas típicas e milho assado, essas festas eram realizadas em grandes palhoças (*palhoções*) nas ruas e terrenos baldios, com iluminação pública e animação sonora (dança e música) feita por músicos ou, às vezes, por som mecânico (reprodução de discos em LP).

Em geral, a festa mais aberta e pública não extinguia as festas comunitárias e familiares, ambas convivendo no ambiente festivo da cidade e merecendo a atenção das autoridades políticas e da imprensa (Chianca, 1987). Sem concorrência, essa simultaneidade vai antecipar o surgimento de um novo modelo festivo incluindo também bailes e espetáculos juninos abertos ao público, com investimento e gestão municipal, num processo progressivo e continuado, como o que foi registrado por Menezes *et al*. (1990, p. 11), no depoimento do poeta José Laurentino, sobre o início dos "forrós oficiais do baile":

> Lá pelos idos de 1972, 74, foi quando a novena lá do pé-de-pau, como a gente chama, foi sendo meio tragada por esse advento do forró oficial do baile. As moças vinham para as novenas e lá pelas 11 horas da noite já passavam para o baile de Puxinanã[8].

Esse relato evidencia a coexistência e, posteriormente, a substituição gradual das práticas religiosas, comunitárias e familiares, "tragadas" pelos bailes organizados em espaços definidos pelo poder público ainda nos anos 1970, em um pequeno município paraibano. Foi na década de 1980 que essa transformação se consolidou de maneira mais ampla no estado da Paraíba, quando as festas realizadas nas propriedades rurais e nos ambientes domésticos, assim como os bailes urbanos, migraram progressivamente do "mundo de dentro" (a casa) para o "de fora" (a rua).

8. Município paraibano, situado a 15 km de Campina Grande.

Em Campina Grande, o ano de 1980 marca o início de um processo de concentração festiva no Açude Novo, área central da cidade, facilitando a mobilidade dos bairros para a festa e mobilizando um número crescente de público – embora não ofuscasse por completo as festividades nos bairros da cidade. Nesse município, a instalação do Maior São João do Mundo em 1984 e a posterior inauguração do Parque do Povo no ano de 1986, nas proximidades do Parque do Açude Novo (ou Parque Evaldo Cruz), ocorreram em uma área conhecida como os Coqueiros de Zé Rodrigues (Chianca, 1987), onde foi construída uma área de dança coberta, o Forródromo[9], para apresentações musicais e para a dança do forró, além das demais atividades da programação junina, notadamente para apresentações de quadrilhas.

Na área liberada em torno do Forródromo havia espaço para a circulação de pedestres entre as mais de 400 barracas destinadas à comercialização e ao consumo de produtos alimentícios e bebidas (Chianca, 1987). Ao instituir um lugar oficial de referência dos festejos na cidade, a Prefeitura Municipal consolidou um modelo de festa junina pública que, mais de 40 anos depois, caracteriza a principal celebração do município e sua principal referência cultural.

Tal modelo festivo influenciou profundamente a organização de eventos semelhantes em diferentes cidades da Paraíba, e não foi exclusivo nem casual que ocorresse naquela cidade. Tampouco foi obra de políticos originais, visionários ou iluminados, mas resultou da abertura da atividade turística no Brasil à "livre-iniciativa e livre-concorrência", institucionalizada pelo Decreto-Lei nº 2.294/1986. Por essa razão, esse modelo se reproduziu também em Caruaru-PE, correspondendo a um projeto turístico sustentado pela Embratur, que fixava as atrações culturais como eixos turísticos dessas duas cidades que, também não por acaso, tiveram suas festas juninas estimuladas e financiadas na mesma época[10].

Assim é que se justifica a visita do presidente da Embratur, João Doria Júnior, a Campina Grande para a abertura da festa em 1º de junho de 1987, quando declarou ao jornal Diário da Borborema que "o turismo pode ser a grande saída para redimir o Nordeste da miséria, do flagelo, do desemprego e das dificuldades que lhe são impostas, quer seja pela natureza, quer seja pela política" (Embratur já [...], 1987, n. p.).

Por isso, em Caruaru, no vizinho estado de Pernambuco, foi inaugurado, em 1988, o Arraial da Gente, a primeira área preparada para reunir multidões no centro daquela cidade durante as suas festas juninas. Posteriormente, foi transferida para o

9. Numa referência ao sambódromo carioca, o forródromo buscou reproduzir a forma de uma fogueira (Chianca, 1987), mas rapidamente foi identificada e popularmente nomeada como "a pirâmide".

10. Segundo Morigi (2007, p. 46), a exemplo da "Festa da Uva, em Caxias do Sul (RS), *Oktoberfest* em Blumenau (SC), a Festa do Peão de Boiadeiro em Barretos (SP)".

Espaço Cultural Tancredo Neves e em 1995, foi substituída pelo Pátio de Eventos Luiz Gonzaga, conhecido como Pátio do Forró (Oliveira Santos, 2007).

Nessa importante cidade do interior nordestino, igualmente famosa por uma feira pública registrada como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro em 2006 (assim como a feira de Campina Grande em 2017), o novo modelo de celebração será voltado ao ritmo que se tornou um dos principais símbolos identitários da cidade: o forró. Garantindo a conexão musical entre tradição e contemporaneidade, esse estilo de dança, música e sociabilidade (Chianca, 2006) atravessou as décadas e se constituiu como símbolo de resistência cultural e de reinvenção musical intimamente identificado com a região Nordeste.

Reforçando uma nova configuração das festas juninas marcada pela crescente visibilidade midiática, em contraste com o modelo tradicional do chamado "São João Tradição", as experiências de Campina Grande e Caruaru consolidam um modelo de organização dos festejos juninos que passou a influenciar diversas cidades nordestinas: "Hoje, os municípios vizinhos realizam festas juninas que tentam copiar o modelo de sucesso do evento em foco", diz Lucena Filho (2007, p. 20), referindo-se à festa de Campina Grande.

Nas novas cidades em que se espraia, a festa também é deslocada do ambiente doméstico e comunitário para praças e equipamentos públicos com grandes áreas livres. Esses espaços recebem estruturas cenográficas e palcos de diferentes dimensões conforme a proposta e o porte da festa. A programação conta com cantores famosos, acompanhados por seus grupos musicais, e artistas de grande reconhecimento público que não costumam frequentar essas cidades para visitas ou *shows*. Elas contam com poucas fontes de patrocínio e, em geral, sua organização e financiamento são responsabilidade das prefeituras municipais, podendo contar com investimentos de empresas de entretenimento.

Ao redefinir a espacialidade, a gestão e a experiência social das celebrações juninas, esse modelo tem a espetacularização como foco central, num processo relacionado à popularização do forró eletrônico, difundido na década de 1990 como a música que é uma das principais atrações dessas festas. Seus *shows* são marcados por iluminação, cenografia e recursos tecnológicos, além de instrumentos eletrônicos, que passaram a ocupar posição de destaque, muitas vezes acompanhados da sanfona. Conforme observa Silva (2003, p. 17), esse estilo inspira-se "na música sertaneja romântica, no romantismo dito brega e no *axé music*".

Em reação ao modelo hegemônico de festas promovidas em grandes espaços públicos e vinculadas ao entretenimento e à indústria cultural, surgiram iniciativas que buscaram recuperar algumas referências das antigas celebrações comunitárias. Fun-

damentadas na valorização da memória e da "autenticidade", essas iniciativas recriam cenários inspirados nas festas de sítios e fazendas, com palhoças de palha de coqueiro, "salas de reboco", decoração em tecido de chita e chão batido. Buscam, assim, reinterpretar práticas culturais consideradas tradicionais e reafirmar uma concepção de identidade nordestina vinculada às formas de sociabilidade e aos modos de celebração anteriores à espetacularização das festas juninas. Esse foi o modelo escolhido para a festa junina de Bananeiras, a partir de 2006.

2 De volta ao arraial de palha de coqueiro

Doravante vamos apresentar as transformações da festa junina em Bananeiras ao longo dos últimos anos (2006-2024) a partir das perspectivas dos diferentes atores envolvidos em sua organização e vivência, bem como das dinâmicas socioculturais que permeiam esse contexto[11]. Em Bananeiras, o projeto do São João Tradição não foi concebido a partir de uma estética de resgate ou de uma releitura deliberada das festas, embora o ano de 2006 marque o início de uma inflexão da festa naquele município onde a prefeita eleita[12] havia prometido desenvolver um projeto voltado para o turismo local.

Entre as novas iniciativas empreendidas desde então, destaca-se a Rota Cultural Caminhos do Frio[13], implementada em 2006 e destinada a ampliar a visibilidade do Brejo paraibano pela integração de seus municípios em torno da valorização da cultura regional e da realização de "eventos culturais" durante o inverno, período reconhecido como de "clima frio" (Diagnóstico, 2006). Na sequência, Bananeiras tornou-se a cidade mais mencionada pela mídia paraibana (Diagnóstico, 2006) pelos eventos culturais e pelo lançamento, em 2005, do primeiro condomínio residencial horizontal de inverno do Brejo, voltado ao lazer e à ampliação da capacidade de hospedagem destinada ao turismo.

Em 2005, Bananeiras iniciou um projeto específico voltado às festividades juninas, com ampla repercussão na mídia estadual e uma programação artística composta por nomes de projeção nacional, como Elba Ramalho[14]. Segundo a narrativa da prefeita

11. Resultado de uma pesquisa realizada por meio de diferentes procedimentos de produção de dados, incluindo observação participante, conversas informais e entrevistas semiestruturadas com agentes vinculados aos setores público e privado do município (Sales, 2025).

12. Marta Eleonora Aragão Ramalho, a primeira e até o presente a única mulher prefeita de Bananeiras. Administrou a cidade de 1988 a 1991 e, em 2004, foi reeleita pelo Partido da Frente Liberal por mais dois mandatos, permanecendo no cargo até 2012.

13. Inicialmente, a Rota Cultural era composta pelos municípios de Alagoa Grande, Alagoa Nova, Areia, Bananeiras, Pilões e Serraria. Depois, o projeto incorporou os municípios de Solânea, Remígio, Borborema e Matinhas.

14. O *show* foi financiado pelo Governo do Estado, que assumiu integralmente as despesas da festa.

e da secretária de turismo do município[15], algumas mudanças aconteceram na sequência, provocadas pela insuficiência de recursos para promover uma festa com atrações de grande porte.[16]

Sem condições de montar grandes estruturas, contratar atrações de ampla projeção ou instalar equipamentos sofisticados de sonorização e luz, a gestão municipal optou pela realização de uma festa junina identificada como "tradicional". A ex-prefeita conta: "O que foi que fiz? Dividi a praça ao meio. Fiz um pavilhão no meio da rua, de palha, como eram os pavilhões das festas de padroeira. Palco baixo. Enfeitamos as mesas, cada mesa com uma toalhinha" (Ramalho, 2022).

Com efeito, até a década de 1990, as festas das elites locais ocorriam no Bananeiras Clube, que serviu de inspiração para um pavilhão[17] montado na praça e que reproduzia parte daquela estética, utilizando tecidos de chita, balões e mesas ornamentadas, deslocando a sociabilidade festiva tradicional para a praça central da cidade, juntando o ambiente das festas comunitárias da infância da ex-prefeita (vivida na década de 1950) à referência das festas de clube.

Sem reforçar as dicotomias tradição/mudança, rural/urbano, antigo/atual, popular/elitista e pobre/rico, essa iniciativa enfocou símbolos e práticas da festa junina selecionados, atualizados e legitimados como representativos da memória coletiva. Com tal narrativa, a gestão municipal evitou associar o novo formato da festa à limitação orçamentária (pobre). Ao contrário, procurou apresentá-lo como parte de um projeto de desenvolvimento (urbano) e turismo (mudança) fundamentado na valorização da cultura local (tradicional, popular e rural), da identidade municipal (atual) e da recuperação dos símbolos enobrecidos de Bananeiras (antiga, elitista e rica).

Como bananeirense e participante dessas experiências, a prefeita assumiu o papel de mediadora entre essas várias oposições, apresentando-se como responsável pela preservação das práticas culturais que estariam sendo esquecidas. Segundo a secretária Ana Gondim, a prefeita "tentou reproduzir um São João antigo, decorado, popular, mesas, com garçom servindo e as barracas de comidas típicas". Realizada no espaço público e destinada a toda a população, a festa contrastava com a restrição das festas dos clubes fechados: "na praça, todo mundo teria acesso" (Gondim, 2022). Os participantes podiam consumir bebidas adquiridas nas barracas ou levadas de casa em caixas térmicas, sem restrição. Como "antigamente", ou "na tradição", a rua e a praça eram espaços de convivência plural: um grande arraial aberto à população.

15. Ana Gondim, que exerceu o cargo de secretária de Turismo de Bananeiras entre 2005 e 2011.

16. Em 2006, Bananeiras não contou com o apoio do Governo do Estado, que alegou restrições orçamentárias.

17. Diferentemente do "palhoção", que também é uma estrutura temporária com acesso livre para uso dos músicos/som e dançarinos, um "pavilhão" tem seu espaço ocupado por mesas e cadeiras, e oferece serviços de alimentação e bebidas aos usuários – como um restaurante /bar onde se deve consumir durante a festa.

O pavilhão foi cuidadosamente organizado para prevenir-se contra as chuvas frequentes durante o mês de junho e suas coberturas de palha foram substituídas por lonas plásticas decoradas com tecido de chita. Conforme Marta Ramalho (2022), "ficaram lindas!". Além disso, "a prefeitura deixou cada uma delas decorada até com um bico de luz"[18], buscando recriar a atmosfera das festas tradicionais e reforçando sua vinculação com elas.

Podemos dizer que a prefeita estava reinventando as tradições juninas urbanas de Bananeiras, pois essa relação entre passado e presente é fundamental para compreender uma "tradição inventada"; esse "conjunto de práticas [...] de natureza ritual ou simbólica, [que] visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição", estabelecendo "uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado" (Hobsbawm, 1997, p. 9).

Por meio dessas novas/velhas tradições, algumas imagens da ruralidade, da fartura, da religiosidade e da vida comunitária foram mobilizadas para produzir sentidos de pertencimento e autenticidade cultural, especialmente para os moradores dos condomínios horizontais que começavam a ser construídos no município e reuniam o conforto e a segurança na área urbana de Bananeiras, onde os turistas das cidades grandes (como Recife, João Pessoa, Natal ou Campina Grande) poderiam (re)conhecer a festa junina tradicional. Era preciso mobilizar essa elite e o conjunto da população para legitimar a nova proposta festiva e obter repercussão midiática.

Sem recursos para competir com Solânea, município vizinho de Bananeiras que promovia festas com grandes bandas de "forró eletrônico", palcos monumentais e intensa divulgação, Bananeiras optou por construir sua identidade festiva a partir da memória coletiva e da valorização do forró pé de serra, gênero executado por trios compostos por zabumba, triângulo e sanfona.

Com um *slogan* que explicita a escolha estética e política da festa na referência direta à festa de Campina Grande – "O Melhor São João Pé de Serra do Mundo" –, "sua proposta buscava atrair famílias"[19] (Diagnóstico, 2006, p. 92), numa experiência festiva "autêntica" e sem a música do "forró de plástico" (Silva; Chianca, 2021). Todos os ocupantes de cargos de confiança da administração municipal foram instruídos a comparecer à festa acompanhados de seus familiares e, para estimular a participação do público, a prefeita "abriu o salão", dançando com o esposo, os filhos e sobrinhos, incentivando secretários e servidores a fazerem o mesmo.

18. Neste caso, o bico de luz corresponde a um cabo elétrico ligado à rede pública.

19. Reivindicando uma festa inspirada no modelo tradicional e comunitário, a "família" é seu público-alvo.

O "São João Tradição", nome oficial da festa, tornou-se referência para as ações posteriormente incorporadas ao projeto Caminhos do Frio e demonstrou como a reconstrução simbólica das festividades juninas de Bananeiras foi importante para a valorização e a ressignificação de outras manifestações culturais integradas ao seu projeto turístico[20]. As novas festividades também foram influenciadas pelas antigas festas católicas da padroeira da cidade, com celebrações concentradas no entorno da Igreja Matriz e em direção à chamada Cidade Baixa.

A configuração urbana de Bananeiras é fundamental para compreender essa escolha espacial: sua parte mais antiga foi edificada em um vale marcado por ruas íngremes e pela divisão simbólica entre Cidade Alta e Cidade Baixa. Esta, situada nas proximidades do Riacho Bananeiras e da Praça Epitácio Pessoa, apresenta uma topografia mais plana e concentrou as atividades urbanas na formação da cidade. Já a Cidade Alta, anteriormente associada a uma área periférica e ao limite do perímetro urbano, corresponde ao platô do vale, região onde progressivamente se instalaram os condomínios horizontais favorecidos pelas características topográficas mais regulares do terreno.

Ano a ano, a festa junina de Bananeiras vem atraindo um número crescente de visitantes provenientes de centros urbanos próximos, como Campina Grande, João Pessoa e Natal, atraídos pela animação da festa e por seu clima considerado "ameno". Em 2016, com o crescimento da festividade e a ampliação do público participante, o evento foi transferido para uma área mais ampla, defronte ao antigo Colégio das Doroteias, instituição de ensino feminino hoje desativada, mas que atendeu parte da elite do Brejo paraibano. Embora a proposta inicial estivesse fundamentada na valorização de uma estética associada ao forró tradicional, com palcos de menor dimensão e maior proximidade entre artistas e público, sua expansão progressiva consolidou novas dinâmicas espaciais na festa e na ocupação do espaço urbano, num processo que ocorreu até o ano de 2019.

Bem recebido pela população local, esse modelo ampliou a participação e apropriação do espaço público, numa dinâmica que foi marcada pela ocupação coletiva da praça e pela redução das barreiras de acesso. Os comerciantes se beneficiaram, e a ampla divulgação da experiência turística de Bananeiras contribuiu para consolidar sua imagem como destino junino e turístico. Entretanto, o crescimento contínuo do fluxo de visitantes evidenciou os limites da capacidade de suporte da infraestrutura urbana e de sua oferta de serviços, criando desafios para os gestores públicos até que o ano de 2019 evidenciou uma crise de planejamento.

20. Como foi o caso da peteca de banana, iguaria popular "capturada" pela gastronomia local e "patrimonializada" pelo município por meio de decreto neste mesmo período (Chianca; Sales, 2024).

Começou pelo trânsito. Nesse ano, a cidade enfrentou congestionamentos significativos durante as celebrações do São João, quando muitas pessoas abandonaram seus veículos e optaram por percorrer cerca de quatro quilômetros a pé, enquanto os mototaxistas cobravam valores até dez vezes superiores aos habituais.

Com o objetivo de mitigar esses problemas de mobilidade urbana, foi elaborado um plano específico para organizar o fluxo de veículos, estabelecendo sentidos unidirecionais tanto para a entrada quanto para a saída da cidade durante o período da festividade. Também foram criadas áreas de estacionamento em pontos mais distantes do espaço do evento, com acesso por meio da principal avenida do município.

A pandemia de Covid-19 levou ao cancelamento das celebrações juninas em 2020. Não obstante, o grande afluxo de residentes de condomínios horizontais durante a crise pandêmica trouxe novos desafios à administração de Bananeiras, que precisou, repentinamente, prover água tratada aos milhares de habitantes que escolheram os condomínios horizontais, "fugindo" das aglomerações urbanas das suas cidades de origem. Esse processo culminou em uma crise hídrica em 2021, com estado de calamidade pública decretado pelo Governo do Estado da Paraíba.

3 Multidão, festa junina, planejamento urbano

A festa junina foi retomada em 2022, marcada por uma ruptura definitiva com o modelo festivo "tradicional" precedente e com a transferência da festa para o Estádio Municipal Clóvis Bezerra[21] (O Bezerrão). A partir de então, a gestão municipal instituiu um regime de privatização do lazer, simbolizado pela proibição da entrada do público com caixas térmicas individuais e pela obrigatoriedade do consumo de produtos comercializados no local da festa. Essa transição alterou significativamente a dinâmica de participação anteriormente característica da festa, marcada pela apropriação coletiva do espaço urbano e pela autonomia dos frequentadores, e reconfigurou o papel do participante, que passou de membro ativo da sociabilidade de rua a consumidor cativo em um espaço delimitado por lógicas de mercado e patrocínios exclusivos.

Os interessados podiam acessar gratuitamente o estádio para assistir aos espetáculos musicais propostos pela organização da festa (a Prefeitura Municipal), onde dois espaços distinguiam os públicos de todos os finais de semana do mês de junho: um espaço aberto no solo e camarotes especiais elevados com vista privilegiada para o *show* – com ingressos vendidos por valores que chegavam a R$ 600,00[22]. Ficou evidente que

21. Ao lado da entrada do *Campus* III da UFPB, por onde o trânsito fluía até Solânea sem retornar pelo centro da cidade.

22. O valor de entrada no camarote correspondia a 50% do valor de um salário-mínimo, na época.

a transformação na organização da festividade conduzia aquela celebração até então predominantemente comunitária e aberta para uma estrutura marcada por formas de segmentação do público e intensificação da exploração econômica do evento.

Por isso, a população expressou sua insatisfação, especialmente em relação aos preços praticados na comercialização de alimentos e bebidas no estádio, bem como às condições físicas do espaço durante o evento: num período de intensas chuvas, o terreno situado em uma área de várzea tinha baixa capacidade de drenagem. A lama dificultava a circulação de pedestres, pois, apesar da instalação de um piso emborrachado, não foi realizada uma pavimentação definitiva da área, que deveria retornar à sua função esportiva original após a festa. Sem acesso aos espaços elevados e protegidos dos camarotes, a maior parte dos presentes conviveu com a chuva e a lama: "Tive a visão de uma pocilga ao ver tanta gente – com suas roupas arrumadas – toda enlameada" (Coutinho, 2022, n. p.).

Para os moradores dos condomínios horizontais que frequentaram os camarotes e realizaram deslocamentos relativamente curtos até as vans de transporte, a experiência da festa foi satisfatória. Suas críticas se dirigiram aos valores cobrados pelas bebidas, à quantidade insuficiente de banheiros e às longas filas que precisaram enfrentar.

As críticas mais contundentes partiram dos segmentos da população com menor poder aquisitivo, que enfrentaram dificuldades para participar em razão dos elevados preços praticados nos alimentos e bebidas. Produtos populares, como cachorro-quente, chegaram a ser comercializados por valores três vezes superiores ao preço habitual. Um dos entrevistados destacou que sua composição familiar, com esposa e dois filhos, era proibitiva para os custos da festividade, até para uma noite.

Como o prefeito em exercício (2020-2024) pertencia a um grupo político de oposição à antiga prefeita e ao seu sucessor (ambos do mesmo agrupamento), as avaliações sobre a festa inevitavelmente foram atravessadas por comparações com os modelos de gestão anteriores. Nesse contexto, emergiram críticas relacionadas à percepção de que a política implementada na administração presente teria priorizado os moradores dos condomínios horizontais e os visitantes externos, em detrimento da população local.

Comparações de natureza política tornaram-se recorrentes, embora houvesse reconhecimento positivo em relação à contratação de atrações artísticas de projeção nacional e à ampliação da visibilidade do evento. Persistiam, contudo, as críticas quanto às condições de fruição no espaço da festa, com destaque para a exposição à chuva e à lama. Tinha-se a percepção de que a grandiosidade das atrações não compensava as dificuldades estruturais enfrentadas pelo público.

Em 2023, a administração municipal decidiu transferir novamente o evento para a parte alta da cidade em uma área de aproximadamente 41 mil m², localizada às

margens da rodovia PB-103, no sentido Bananeiras/Dona Inês. O novo espaço foi preparado em uma área parcialmente pavimentada e manteve a estrutura de camarotes do ano anterior.

A partir de então, a organização do evento foi terceirizada por uma empresa que até 2022 havia conduzido O Maior São João do Mundo em Campina Grande: Medow Promo, que adaptou o modelo organizativo daquela festa em Bananeiras, com patrocínios de alcance nacional, contratação de artistas de projeção também nacional e redução do espaço destinado aos artistas locais, numa configuração articulada ao objetivo da administração municipal de ampliar a atração de visitantes externos e consolidar Bananeiras como destino turístico junino de maior alcance regional e nacional.

Assim é que veio a crise de 2023, com a lotação antecipada da cidade na noite de 24 de junho (dia de São João), com uma programação que incluía o *show* de Wesley Safadão, grande atração nacional do ritmo de forró. Desde as primeiras horas desse dia, os estabelecimentos comerciais do setor alimentício apresentavam intensa movimentação, dificultando o atendimento e o acesso aos serviços disponíveis. Paralelamente, as principais opções de hospedagem, incluindo pousadas, hotéis e *hostels*, registravam ocupação de 100%, enquanto novos visitantes chegavam em veículos particulares ou coletivos transportando bagagens e travesseiros em busca de alternativas de acomodação em casas de temporada ou por meio da hospitalidade de amigos, conhecidos e familiares, ansiosos pela apresentação do famoso cantor.

Poucos minutos antes do meio-dia, o deslocamento pela cidade já apresentava grandes dificuldades. Os visitantes que se deslocaram de Campina Grande para Bananeiras surpreenderam-se ao levar aproximadamente 40 minutos para percorrer um trecho inferior a um quilômetro entre a entrada de Bananeiras e o terminal rodoviário, um percurso que, em condições normais, seria realizado em dois minutos. Ao desembarcar na rodoviária, era perceptível a intensa concentração de pessoas no local, assim como na praça e em suas áreas adjacentes.

Já ao meio-dia, as principais vias de acesso ao município estavam congestionadas e a velocidade média dos veículos não ultrapassava dez quilômetros por hora. Nesse cenário, mototáxis, vans e táxis passaram a desempenhar papel central na mobilidade dos visitantes. O estacionamento também se tornou um elemento crítico: instalados em terrenos localizados nas proximidades do espaço da festa, eles cobravam taxas de permanência que atingiam R$ 50,00, mais de dez vezes o preço habitual. Esses locais geralmente não tinham pavimentação, obrigando os usuários a caminhar do carro até a festa por áreas enlameadas.

Apesar da definição de uma rota planejada para a entrada e a saída da cidade, o trânsito estava totalmente congestionado às 18 horas. Com ruas estreitas, Bananeiras

transformou-se em uma cidade marcada por buzinas, tensão e conflitos entre motoristas, motociclistas e pedestres. Agentes de trânsito tentavam orientar a circulação e organizar o fluxo de veículos com apitos, em meio ao intenso ruído.

A situação agravou-se por volta das 21 horas, muito antes da principal atração da noite, quando os portões de acesso ao evento foram fechados após o local atingir sua capacidade máxima de ocupação. A decisão impediu a entrada de muitas pessoas que haviam se deslocado de outros municípios exclusivamente para participar do espetáculo, o que provocou grande insatisfação e revolta entre o público que reclamava da superlotação da cidade, dos congestionamentos e das longas filas nos estabelecimentos de alimentação, nos restaurantes e nos banheiros químicos.

Outros visitantes direcionaram críticas à administração pública e questionaram a organização do evento e a divulgação considerada "enganosa", que, segundo eles, anunciava uma "megaestrutura". Muitos visitantes deixaram o local frustrados. A festa, promovida naquele ano sob o lema "O Melhor São João de Nossas Vidas", não correspondeu às expectativas dos visitantes, que passaram a qualificá-la como o "Pior São João do Mundo": uma "cópia malfeita" de Campina Grande.

Em síntese, a festa de Bananeiras desagradou até mesmo aqueles que conseguiram entrar no estádio: "Som ruim, concentrado apenas no pé do palco; estourando os tímpanos de quem estava na área VIP e deixando quem não pagou ingresso [camarotes] sem escutar o *show*" (Kardec, 2023, n. p.). Em seu blog, Alan Kardec também criticou a infraestrutura geral da festividade, destacando a insuficiência de barracas de alimentação e as condições dos estacionamentos, marcados pela presença de lama e com valores superfaturados: "O que já estava ruim no ano passado, conseguiram piorar" (Kardec, 2023, n. p.).

Nesse contexto, evidenciavam-se as relações assimétricas entre a empresa responsável pela organização do São João, os comerciantes instalados no espaço privado da festa e os barraqueiros que atuavam fora da área delimitada pelo evento. Além disso, gerou controvérsia a exclusividade da comercialização da cachaça Rainha, vendida por R$ 50,00 – o dobro do valor praticado no comércio local fora do período festivo. A insatisfação dos participantes não estava relacionada apenas ao preço, mas também ao fato de a bebida produzida pelo engenho do pai do prefeito figurar entre os patrocinadores do evento. Em sua defesa, ele alegava que a realização da festa não teria gerado custos diretos para a administração municipal.

Também foram registradas críticas referentes à limitada diversidade das opções alimentícias disponibilizadas no espaço do evento: na área interna, os comerciantes praticavam preços considerados elevados, situação atribuída, em parte, aos custos de instalação, uma vez que cada vendedor desembolsava R$ 5.000,00 pela utilização

de uma tenda. Para além dos aspectos relacionados à alimentação, às atividades comerciais e às questões políticas, foram identificadas manifestações de insatisfação quanto às condições sanitárias do local, destacando-se o acúmulo de lama nas proximidades dos banheiros químicos, circunstância que suscitou, entre os presentes, a hipótese de ocorrência de possíveis vazamentos.

Em relação ao público dos camarotes, com ingressos individuais que custavam até R$ 300,00, foram registradas poucas reclamações: seus espaços estavam protegidos da chuva, o acesso a alimentos e bebidas era satisfatório e os banheiros eram exclusivos. Quanto ao transporte, muitos contrataram vans para o deslocamento. Para eles, as limitações estruturais não frustraram a festa, sobretudo pelo forte apelo visual do show tão esperado.

Em conversa informal, uma moradora de Bananeiras[23] destacou como esse modelo de camarotes reproduz a experiência dos numerosos condomínios horizontais do município. Por meio da diferenciação são reforçadas as fronteiras simbólicas entre aqueles que ocupam os espaços qualificados e os que permanecem nas áreas comuns, conferindo superioridade e distinção aos camarotes, em relação a quem está "no chão" da festa.

A terceira edição de "O Melhor São João de Nossas Vidas" foi realizada em 2024 no Bananeiras Park. Ele apresentou uma estrutura ampliada, com "camarotes, cidade cenográfica e mega estacionamento, prometendo reunir cerca de 500 mil pessoas nas cinco noites de shows" (Organização, 2024, n. p.), recebendo artistas de projeção nacional e regional num palco de 40 x 18 metros e 15 metros de altura com uma estrutura de sonorização, palco e iluminação correspondente. Numa festa gratuitamente aberta ao público (com patrocínios privados), o local recebeu decoração temática composta por bandeirolas coloridas e uma cenografia inspirada nas vilas do interior, incluindo uma fogueira cenográfica de 15 metros de altura e uma área de camarotes com "banheiros de luxo", praça de alimentação, bares, barracas e quiosques destinados à comercialização de bebidas e alimentos, além de um parque de diversões com roda-gigante, carrossel e outros brinquedos, nos quais "as crianças poderão se divertir, quantas vezes quiserem, sem pagar nada" (Organização, 2024, n. p.).

Embora recorra a elementos da experiência de cidades como Caruaru e Campina Grande, essa configuração da festa junina mobiliza elementos do imaginário popular associados à atmosfera de uma pequena cidade interiorana e aos espaços de convivência comunitária característicos das celebrações juninas com seu arcabouço simbólico e mnemônico.

23. Conversa informal com uma geógrafa de oposição à administração, cuja identidade será mantida em anonimato para preservá-la de identificações futuras. Diário de Campo, 17 de maio de 2023.

Considerações finais

Evidenciamos que, ao longo dos últimos anos (2006-2024), Bananeiras conheceu configurações distintas de festa junina. Partindo de um modelo associado às relações de proximidade, à convivência comunitária e aos vínculos familiares, a festa se aproxima hoje do modelo dos grandes eventos. Este é marcado pela profissionalização da organização, pela presença de patrocinadores e pela segmentação dos públicos. Com isso, a festa incorpora-se às dinâmicas da economia e do entretenimento.

Como parte da tradição e da cultura viva, as celebrações juninas permanecem como momento de intensa sociabilidade, encontro, reconhecimento, confluências e alianças entre diferentes grupos sociais. Essas formas de interação são reorganizadas por novas dinâmicas de distinção social, pois estamos diante de uma grande festa preparada para visitantes, turistas e moradores de condomínios. Assim, ela também produz efeitos e sentidos articulados à cultura de massas, ao consumo, ao espetáculo, às mídias e às redes sociais. Caberia analisar a presença e as expressões de pequenas festas realizadas por seus moradores em outros moldes e com outras sociabilidades, empreendimento que não realizaremos no escopo deste artigo.

Desde já pudemos revelar como, em Bananeiras, a "perda da rua" expressa uma ressignificação festiva de práticas comunitárias associadas ao espaço público simultâneas a lógicas empresariais orientadas à espetacularização, ao turismo e ao consumo cultural. O paradigma desse processo foi a transferência da festa para o Bananeiras Park num movimento que expôs de maneira mais explícita antigas desigualdades socioespaciais do município e a distribuição diferenciada das condições de participação na festa. Também revelou novas hierarquias de consumo cultural e de distinção social.

A pesquisa identificou ainda como as festas juninas constituem um espaço de articulação entre interesses públicos e privados na promoção de produtos e serviços. Essa articulação ocorre por meio da atuação de agentes econômicos, de estratégias institucionais e de interesses pessoais.

Percebemos que a trajetória recente do São João de Bananeiras evidencia uma contradição. Ao buscar uma identidade distinta dos modelos de espetacularização junina, o município incorporou alguns de seus elementos, redefiniu os sentidos da festa e reposicionou o município no circuito do consumo cultural. Nesse processo, certas representações de ruralidade, comunidade e identidade regional são continuamente mobilizadas para produzir efeitos de autenticidade. Trata-se de uma construção seletiva que responde a demandas e interesses do presente.

Enquanto se transformam, as festas modificam as cidades e seus destinos. Ao mesmo tempo, são remodeladas por elas. Esse processo revela tensões entre a valorização cultural, a mercantilização das tradições e a apropriação turística do patrimônio

festivo. A festa junina produz novos contornos para a cidade e redesenha seu território e sua configuração. Pode, ainda, gerar situações de desorganização e caos urbano, conforme se pôde relatar neste artigo.

Ao integrar os patrimônios culturais vivos ao planejamento urbano, cabe atentar para o desafio apontado pela Unesco, considerando o potencial da festa junina para "contribuir positivamente para os modos de vida urbanos, para a coesão social, a melhoria das condições de vida e, finalmente, o funcionamento da cidade em si" (Unesco, 2025, n. p.).

Referências

A CAPITAL do forró. **Jornal Diário da Borborema**, Campina Grande, PB, 23 jun. 1984.

ANDRADE LIMA, Elizabeth C. **A fábrica dos sonhos**: a invenção da festa junina no espaço urbano. Campina Grande: EDUFCG, 2020.

BASTIDE, Roger. Le carnaval brésilien. **Bastidiana**, St. Paul de Fourques, n. 19-20, p. 55-58, juil. /déc. 1997.

BESSA, Ricardo A. S. **Os trajes de quadrilhas juninas**: das sedas e veludos às chitas e cristais. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 204f. 2023.

BRAGA, Ana Carolina N. Alves. **A vez e a voz delas**: a representatividade e a espetacularidade da mulher marcadora em quadrilhas juninas. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade de Brasília. Brasília, 190f. 2025.

BRANDÃO, Carlos R. **Os deuses do povo**: um estudo sobre religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.294/1986** de 21 de novembro de 1986.

CARNEIRO, Edson. **Folguedos tradicionais**: etnografia e folclore. Rio de Janeiro: Funarte/INF, 1982. (Coleção Clássicos 1).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2015.

CHIANCA, Luciana. Fête de la saint-Jean: quadrille et *quadrilhas* au Brésil. **Cambo**, Bordeaux, n. 24, p. 65-65, 2023. Disponível em: https://www.aurba.org/wp-content/uploads/2024/09/CAMBO_24_DOSSIER_ARTICLE_09.pdf. Acesso em: 22 jun. 2026.

CHIANCA, Luciana. São João está dormindo, não acorda não! Celebrando a festa junina, apesar da pandemia. **Antropolítica**, Niterói, v. 54, n. 3, p. 68-91, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.22409/antropolitica2022.i3.a55349.

CHIANCA, Luciana. Quadrilha junina e cidade, mercado e beleza da obra. **Revista Mundaú**, Maceió, n. 5, p. 126-141, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufal.br/revistamundau/article/view/5371. Acesso em: 3 out. 2026.

CHIANCA, Luciana. O auxílio luxuoso da sanfona: tradição, espetáculo e mídia nos concursos de quadrilhas juninas. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 14, p. 90-102, 2013a. Disponível em: https://www.itaucultural.org.br/secoes/observatorio-itau-cultural/festas-patrimonio-politicas-publicas. Acesso em: 3 out. 2026.

CHIANCA, Luciana. **São João na cidade**: ensaios e improvisos sobre as festas juninas. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013b.

CHIANCA, Luciana. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 10, n. 1, 2007b. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1722. Acesso em: 29 maio 2026.

CHIANCA, Luciana. Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos, **Revista Anthropológicas**, Recife, ano 11, v. 18, n.2, p. 49-74, 2007a. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23701/19357. Acesso em: 3 out. 2026.

CHIANCA, Luciana. **A festa do interior**: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX. Natal: EdUFRN, 2006.

CHIANCA, Luciana. Para onde vai a cidade? festa junina em Natal-RN, **Vivência,** Natal, v.13, n. 1, p. 55-69, 1999.

CHIANCA, Luciana. São João no Nordeste: tradição e reinvenção. **Revista Odisseia,** Natal, n. 4, p. 23-32,1996.

CHIANCA, Luciana. **Viva São João:** o santo e sua festa. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 162f. 1991. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/36555/1/LucianaDeOliveiraChianca_Dissert.pdf. Acesso em: 10 ago. 2026.

CHIANCA, Luciana. **O maior São João do mundo**. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande, 61f. 1987. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/40937. Acesso em: 22 jun. 2026.

CHIANCA, Luciana; SALES, Josélio. Peteca de banana ou "petit gâteau"? Tradição, turismo e gastronomia. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 21, n. 2, p. 239-256, 2024. Disponível em: https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/24296. Acesso em: 10 ago. 2026.

COUTINHO, Guiany C. O melhor São João de nossas vidas: festa para todos. **Blog do Rubão**, 22 jul. 2022. Disponível em: https://rubensnobrega.com.br/2022/07/22/o-melhor-sao-joao-de-nossas-vidas-por-guiany-campos-coutinho. Acesso em: 23 jul. 2023.

DIAGNÓSTICO do potencial turístico de Bananeiras. Bananeiras: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 2006.

EMBRATUR já incluiu Maior São João do Mundo em seu calendário oficial. **Jornal Diário da Borborema**, Campina Grande, PB, 1º de junho de 1987.

FERREIRA, Geicy P. G. **A festa de São João e a sua territorialidade no Parque do Povo**: as transformações de um festejo popular. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 244f. 2025.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

GONDIM, Ana. **Entrevista** [jun. 2022]. Entrevistador: Josélio Sales. João Pessoa, 2022.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. *In*: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p 9-23.

KARDEC, Alan. Bananeiras já pode ganhar o título de pior São João do mundo. **Politika**, 30 jun. 2023. Disponível em: https://www.politika.com.br/bananeiras-ja-pode-ganhar-o-titulo-de-pior-sao-joao-do-mundo. Acesso em: 1 jul. 2023.

LUCENA FILHO, Severino A. de. **A festa junina em Campina Grande-PB**: uma estratégia de *folkmarketing.* João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007.

MARQUES, Jordania A. S. **As territorialidades da festa junina de Campina Grande-PB (2016-2017)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 115f. 2018.

MENDONÇA, Gilson M**. Da tradição à eleição**: o uso político da cultura por meio da festa oficial. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Doutorado em Administração, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 269f. 2012. Disponível em: https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/6820eb62-2f31-4441-b353-300d7f22f6c4/content. Acesso em: 10 ago. 2026.

MENEZES, Marilda A. de; PEREIRA, Socorro; SOARES, Jaldete; JOSÉ, Hermano. O retorno para a festa. **Travessia: revista do migrante**, v. 3, n. 7, p. 9-12, 1990. Disponível em: https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/170. Acesso em: 3 jul. 2026.

MENEZES NETO, Hugo. **O balancê no arraial da capital**: quadrilha e tradição no São João de Recife. Recife: Ed. do Autor, 2009.

MORIGI, Valdir J. **Narrativas do encantamento**: O maior São João do mundo, mídia e cultura regional. Porto Alegre: Armazém Digital, 2007.

NOLETO, Rafael da S. **Brilham estrelas de São João**: gênero, raça e sexualidade em performance nas festas juninas de Belém-PA. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo. São Paulo, 351f. 2016.

OLIVEIRA SANTOS, Pedro P. P. de. **Caruaru**: a construção midiática da marca Capital do Forró. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós – Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 207f.. 2007. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/2985/1/arquivo1876_1.pdf. Acesso em: 10 fev. 2026.

ORGANIZAÇÃO prevê que 500 mil pessoas passem pelo Bananeiras Park durante o São João. **WSCOM,** 14 jun. 2024. Disponível em: https://wscom.com.br/organizacao-preve-que-500-mil-pessoas-passem-pelo-bananeiras-park-durante-o-sao-joao. Acesso em: 14 jun. 2024.

ORTIZ, Renato. **Românticos e Folcloristas**: cultura Popular. São Paulo: Olho d'água, 1992.

PAULA, Soiane G. **Arromba chão que anima o salão, quadrilha de São João!** memórias, danças e transformações das quadrilhas juninas em Salvador. Dissertação (Mestrado em Dança) – Programa de Pós-Graduação em Dança, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 185 f. 2020.

RAMALHO, Marta. **Entrevista** [jun. 2022]. Entrevistador: Josélio Sales. João Pessoa, 2022.

ROCHA, Gilmar. Cultura popular: do folclore ao patrimônio. **Mediações**, Londrina, v. 14, n. 1, p. 218-236, 2009. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/7488/748879392007.pdf. Acesso em: 10 ago. 2026.

SALES, Josélio S. **Do tacho ao bistrô**: turismo, território e ressignificações culinárias no brejo paraibano. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 402 f. 2025.

SANTOS, Mario R. dos. **Noites festivas de junho**: histórias e representações do São João no Recife (1910-1970). Recife: Ed. UFPE, 2018.

SILVA, Cícera T. S.; CHIANCA, Luciana. Forró eletrônico: traição ou tradição? *In*: LONGHI, Marcia Reis; TELLA, Marco Aurélio Paz; GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes (org.). **Antropologias, diversidades e urgências**: 10 anos de pesquisa no PPGA. João Pessoa: Editora UFPB, 2021. p. 237- 255.

SILVA, Expedito L. **Forró no asfalto**: mercado e identidade sociocultural. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2003.

SILVEIRA, Ila N. **Quadrilha junina estilizada**: espetacularidade e resistência em Feira de Santana. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 191 f. 2025.

UNESCO. **La sauvegarde du patrimoine culturel immatériel en milieu urbain**: note d'orientation. Paris: Unesco, déc. 2025. Disponível em: https://ich.unesco.org/doc/src/72796-FR.pdf. Acesso em: 3 ago. 2026.